

O ÚLTIMO CAUDILHO

THEOPHILO DE ANDRADE

QUANDO Lourival Fontes, como encarregado da propaganda do Estado Novo, tratou construir em livro a figura de Getúlio Vargas a mim de uma personalidade histórica, de homem, além de um pedestal, a viver exclusivamente para o Governo, dentro do molde fascista então em moda no mundo, encarregou um literato profissional brasileiro, Paul Frischmann, de escrever-lhe a história. Mas, na última página do abastado volume, conta o escritor que, indagando sobre o Presidente qual os seus desejos pessoais, respondeu-lhe: "Eu só me cuido realmente bem no campo, em São Borja".

E, por esta forma, não só a fantasia, pois o estadista, estranho, provavelmente, aquela grama, simão-se, lamentavelmente, em sua posição de mortal, indicando, talvez sem o querer, o fim da jornada, para o desenvolvimento de sua complexa personalidade. Porque, para compreender Getúlio Vargas, é mister buscar as suas origens, perceber a sua formação e estudar o meio de onde saiu e para o qual, sem pôr, na língua bíblica da expressão, retornar depois que, em gesto trágico, desceia a própria vida.

O suicídio do Presidente, por mais surpreendente que pareça, e por mais chocante que haja sido o seu gesto para a nação inteira, tanto para os que o amaram como para os que o combateram (pois eram muito poucos os que o admiravam) mostrou a sua longa e incógnita carreira, em uma anatomia de tragédia grega que a muitos poderá parecer insuperável para o seu homônimo, mas que foi devido da falta do seu destino dramático. O destino muitas vezes faz aquilo que, antes, havia entregue aos favores da fortuna. E Getúlio Vargas, como homem de destino e como homem de estilo, o sentia perfeitamente. E, por isso, a vida da morte o acompanhava, dia a dia, desde quando a sua carreira política o arrastou da obscuridade para as alturas do poder. Foi assim quando se alistou aos anseios da revolução de 1930, ao declarar, no manifesto de 4 outubro: "Não poderei deixar de acompanhar (e, portanto, convencer) todos os riscos em que a vida será o menor dos bens que lhe possa oferecer". E foi assim, no crepúsculo dos últimos dias, quando redigia, com aceitação, premeditadamente, a carta em que, já atenuado de enfrentar o futuro, ateu a sua sombra no painel da história: "Eu vou dar a minha vida. Agora ofereço a minha morte".

Os riscos eram de opinião que a vida somente em determinadas circunstâncias merece ser vivida. Quando aquelas circunstâncias desaparecem, pode e deve ser antecedido. Getúlio Vargas suicidou-se. Mas descrevendo de este ou vivida, deixou um instrumento explosivo, de ação contínua, capaz de inspirar revulsões e que há de mantê-lo presente à "nação" política do Brasil, por muito tempo. Aquela carta é um legado que, como o testamento de César, há de ser, muito brevemente, explorado por algum Marco Antônio contra os que derrotaram o Presidente na sua última batalha pela conservação do poder. Getúlio Vargas continua a ser, portanto, uma figura viva nas lutas que o mesmo país vai ter de enfrentar, até reconstruir o seu equilíbrio.

Este é que é o problema grave. A luta recente entre Getúlio Vargas e os seus adversários ficou, durante muito tempo, em um negatário em temas de fórmulas, porque nenhuma das partes queria que a normalidade constitucional, ou seja, ordem, fosse alterada. Mas a ordem não consistiu puramente na manutenção do Governo que pode deixar de ser acatado, desde que adere de pérvias suspeitas quanto à extensão da lei. Já Ortega y Gasset ensina: "A ordem não é uma ordem que se aceita, de fora, sobre a sociedade; este equilíbrio estava, positivamente, quebrado".

Em vida a nossa longa vida de jornalista, quase tão longa quanto a da vida pública do Presidente, nunca lhe apreciei a personalidade, embora tivéssemos de estudar e criticar, a miúdo, atos do seu Governo, notadamente em matéria econômica. Infortunadamente, fomos e relaxamos o nosso juízo, muitas vezes, diante as manifestações surpreendentes, nos diversos momentos em que Getúlio Vargas se revelou à nação e decidiu sobre os

seus destinos. Nunca houve, em vida a nossa história, governante mais contraditório, homem de maior número de facetas, tamanha capacidade de renovação. Foi um verdadeiro Prota, cuja máscara se transformava, de momento a momento, de acordo com as necessidades da situação e da conservação do Poder, sem que tivesse aparecido alguém que o houvesse seguido em sua verdadeira configuração, para exigir dele, como do herói da lenda, uma resposta sobre o passado, o presente ou o futuro. Nem na sua carta-testamento se desvendou, pois ela fica apenas a sua última decisão jurídica, já revivida em manifestações anteriores e que, na verdade, é apenas uma oratória, post-mortem, contra os seus adversários.

André Lefebvre, indolente ativo, que escreveu o livro livro digno de ser nomeado Getúlio Vargas, contrasta, com muita habilidade, uma teoria política revisionista, pois nos mostra que, em vida a sua conduta política, há uma linha filosófica uniforme, que liga o democrata ao autoritário, desde da fórmula positivista fixada por João de Castilho, na Carta de 14 de julho, já hoje revogada, e à sua ação, aliás, aquela versão de Platão, que é Hugo de Médici, administrador, honestamente, o Rio Grande, durante trinta anos. Esta a filosofia. O método foi definido em uma frase simples: "Sua política: entre dois pontos, a menor distância é a cartilina repositiva de todos os obstáculos".

Pode ser que haja muito de verdade neste hábito, se bem que, pensando a história, seríamos obrigados a concluir que a expressão dos obstáculos foi brevemente longa, obrigando mesmo a perder de vista o caminho daquela carta, que Getúlio Vargas definiu, a 20 de outubro de 1932, quando, na Câmara, fez a posição do Rio Grande em face do projeto de reforma constitucional, patrocinado pelo Sr. Arthur Bernardes: "Meu compromisso com a natureza do regime presidencial, instituído (e Rio Grande) um poder executivo forte, fortalecido, sem recuo, conquistar e manter as mais amplas franquias liberais, alargando-se não na letra, mas pelo menos em sua justa interpretação, as que foram prometidas pela constituição da República". Em defendendo tais princípios, Getúlio Vargas, efetivamente, se mancha até as suas primeiras manifestações políticas juvenis, "Eloco Castilho", ou quando desmorinava em "O Debate", jornal republicano de Porto Alegre. E os seus adversários mais generosos não tiveram dúvidas em encontrar aquela mesma filosofia até na própria Carta de 15 novembro de 1932, que Francisco Campos o fez integrar ao País, em um pulso de estilo que nos alinha entre as potências fascistas do mundo.

Isso pode definir a linha política, mas não basta para explicar o êxito do político. Em um país como o nosso, em que as lutas valem pouco e os homens valem tudo, somente um acervo de qualidades e circunstâncias favoráveis seriam capazes de projetar um estadista, tornando-o homem mais influente que a república já teve. Para fazer tais qualidades, tivemos de nos transportar à fronteira, patimar as ruas de São Francisco de Borja, a antiga capital das Missões Jesuítas, no Rio Grande, desmoronar-me sob as águas de sua grande terra, mistar as águas do Rio Uruguai e 1932, que Francisco Campos o fez integrar ao País, em um pulso de estilo que nos alinha entre as potências fascistas do mundo.

O caudilhismo não é um fenômeno brasileiro. Porforce não é pára e ao "Brasil". Quando, no Império, Zacarias de Góes lançou aquela palavra histórica, no parlamento, ao combater o Governo de Castro, foi como se um rio houvesse caído de um céu azul. Com a república, porém, as circunstâncias modificaram-se. A revolução de 1932 redefiniu um tipo de letra que havia sido para ali transplantado, experimentalmente, na era de Práxis. E surgiram, entre vez, os caudilhos, notadamente o caudilho dos caudilhos, que houve de dominar o cenário da política nacional, durante mais de uma década, e que se chamou Pinheiro Machado. Era um homem de fronteira, e amigo do General Manoel Vargas, herói da Guerra do Paraguai e

chefe político de São Borja. Vendo um dia o interior com que o pequeno Getúlio acompanhava as discussões políticas, observou: "Este menino irá muito longe. Quem sabe se não está aqui um dos futuros chefes da República que era seu precursor".

Pinheiro foi profeta. Ali estava, efetivamente, o seu herdeiro na política nacional. Haveria de ser, porém, homem de outro tipo. Não obrigaria, como ele o fez, inimigos a lhe crerem mais. Ao contrário, haveria de brilhar as suas tendências trágicas, em contato com as montanhas de Minas, onde passaria, a estudar, alguns daqueles anos em que o homem está à procura do meio ambiente. E o que aconteceu, em 1918, quando, tendo ingressado na política e sendo líder da maioria republicana na Assembleia do Estado, discursou, em respeito pelo irmão da Primeira Guerra Mundial, concluiu com esta profecia de si: "Toda violência é inútil. Só há uma linha permanente capaz de construir o futuro". Ali está o meio e o homem. Falta, porém, ainda um terceiro elemento para a explicação da sua forma política: o tempo. Getúlio Vargas poderia ter sido o seu prodígio magnetismo pessoal e a influência histórica que lhe deu o caudilhismo. Mas não teria ultrapassado o nível geral dos políticos de nível da Federação, se não houvesse surgido na hora em que a República de 1889 estava em crise e necessitava uma transformação. Se aquele homem que pregava contra a violência se pôs à frente de um movimento armado, em 1930, não foi que tivesse criado o ambiente para a revolução, mas porque este já existia, no País, desde 1912. Não foi Getúlio Vargas quem provocou a revolução. Foi a revolução que foi ao encontro dele.

Neste fato devemos buscar as causas dos erros que cometera. Homem de carreira rígida, não repete que nunca terminou carreira dos seus mandatos — inclusive o último —, não estava naturalmente ligado aos políticos que vieram na onda da revolução de 1930. Conservador por natureza, dada a sua formação cartilista, não era também um expositivo dos "trouças" que o foram buscar para criar a rebelião. Freado entre os dois grupos, acabou no centro, abrindo-se, magistralmente, das franquias brasileiras. Firmou-se. Mas foi vítima da deformação do Poder, quando exercido longamente e sem controle. Explorando as circunstâncias, ele que não se supunha capaz de ação como o expositivo da Aliança Liberal, tornou-se dinador. Para tanto, serviu-se, a 10 de novembro de 1932, das forças armadas, como, aliás, já havia feito em 1930. Isto fez que justificou no momento que lhe foi oferecido, a 2 de janeiro de 1931: "Foi assim na Independência, em 7 de abril, em 13 de maio, em 15 de novembro, e não podia deixar de ser assim, agora, quando o Brasil estava na posse de si mesmo por um movimento de opinião, seu rival em nossa história, em que a vontade da nação imperou, soberana, impoñendo a mesma ordem à vida política e administrativa da República".

Esses fatos são, em verdade, a própria história da nossa história. Foram, porém, olvidados com o tempo, pelo Presidente. Foi isso o que promoveu a sua deposição, a 29 de outubro de 1961, e o que justificou a oposição que lhe foi feita, depois de passivo de 1961, quando foi reintegrado no Poder.

A crise chegou quando a nação, e há mesmo, foram surpreendidos com a atuação criminosa de sua guarda pessoal que sequestrava uma cuba sílica. Atravessado pelos que o serviam e dos quais se desdiga, mandando entregar as autoridades inquiridoras um arquivo que, se quisessem, poderia ter mandado destruir — estaria se perdido em uma hora. E, para não-lhe, encontrou um recurso extremo, acobertado pelos políticos: o suicídio.

E foi assim que, pelas próprias mãos, terminou uma vida extraordinária, que encobriu três décadas de existência da República.

PELA ÚLTIMA VEZ EM PÚBLICO

Já em plena recuperação de crise política-militar que havia de ter um desfecho tão dramático, o Presidente Vargas viveu para Minas, onde morreu dois dias. Não inaugurou as indústrias Massamann. Na oportunidade falou no País, num discurso que teve sido em a dum Chefe de Estado que pressentiu aproximava-se o fim de sua carreira, e muita menos a de sua vida.